

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

Imaginar que todo o PT tenha rompido com principios eticos seria um equivoco de analise
[To imagine that the whole PT has broken with ethical principles would be a mistake of analysis]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Ruscheinsky,Aloisio
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-01 12:06:00
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/163096

Plínio de Arruda Sampaio – O processo é de tomada de consciência. Alguns tomam antes, outros, depois. A decepção é grande, a surpresa é grande. Compreende-se a demora, as pessoas

precisam de tempo para perceber que realmente houve uma mudança completa de rumos. Todo mundo quer salvar a figura da liderança porque tem uma afeição grande por ela.

Imaginar que todo o PT tenha rompido com princípios éticos seria um equívoco de análise

Entrevista com Aloísio Ruscheinsky

A série *Brasil em Foco* traz, nesta edição, uma entrevista com o professor Aloísio Ruscheinsky, do PPG em Ciências Sociais Aplicadas da Unisinos. Na conversa que teve com a redação da *IHU On-Line*, em seu gabinete, na última semana, o professor fez uma breve análise sobre a crise política brasileira. Graduado em Filosofia e em Ciências Sociais, Ruscheinsky é mestre em Ciências Sociais, pela PUC-SP e doutor em Sociologia pela USP, tendo sua tese o título *Partido político e movimentos sociais*. O professor é autor, entre outros, dos livros *Metamorfoses da cidadania*. São Leopoldo: Unisinos, 1999; *Atores sociais e lutas políticas*. Porto Alegre: Edipucrs, 1999; *Associativismo na invenção da modernidade*. Rio Grande: Editora da FURG, 2000. É também organizador de *Educação Ambiental: múltiplas abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2003; *Sustentabilidade: uma paixão em movimento*. Porto Alegre: Sulina, 2004. O professor também é autor do artigo *Os novos movimentos sociais na luta pela água como direito humano universal*, publicado no livro *Água: bem público universal*, organizado por Inácio Neutzling. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

IHU On-Line – Como descreveria a situação de crise política que vivemos e que elementos foram os mais importantes para o País chegar ao estágio atual?

Aloísio Ruscheinsky – Existem fatores e sintomas pelos quais podemos inferir que há uma outra crise política no País, para além de outros problemas históricos de nossa frágil democracia: que democracia se estabelece quando,

aproximadamente, metade de população se situa na condição de vulnerabilidade social? Para a análise da conjuntura, devo fazer duas interrogações: Que democracia é esta que converge para o empobrecimento da maioria da população e, ao mesmo tempo, gera uma acumulação de capital ou uma ímpar concentração de renda? A quem serve a análise que faço da conjuntura nacional? Sendo assim, em primeiro lugar, não imagino que essa crise em curso no

cenário nacional seja somente pertinente a questões relacionadas ao governo federal atual. Considero que o sistema eleitoral possui sintomas, que caracterizam uma crise de legitimidade, de longa data e que não foram resolvidos devido a interesses obscuros e por uma série de remendos procedimentais que têm sido realizados. Em segundo lugar, o fato de se atrelar o atual governo a uma política econômica sem sintonia com as questões sociais também é fator da crise política existente e que, por sua vez, sua origem é concomitante com o início da gestão. A terceira questão refere-se a um fenômeno recente e que classifico como a transformação de procedimentos políticos em espetáculo, para não dizer um cenário circense. No caso, trata-se de compreender a forma como a oposição e os meios de comunicação conseguem fazer da política um espetáculo, no qual se entrelaçam as linhas do poder e, portanto, constrói-se um palanque para a soberba de muitos. A quarta questão: imagino que a crise política que desemboca e leva ao despencar da legitimidade do governo começou nesse momento de denúncias de corrupção eleitoral. Nessa perspectiva, fatores preponderantes quanto à origem dos vícios: desde o início do seu mandato ou até antes da sua eleição, em relação ao que diz respeito a alianças cujo custo simbólico, ideológico, político e econômico que agora é desvelado. A quinta questão diz respeito à continuidade da política econômica do governo anterior, considerada perversa para a resolução de problemas sociais agravados, orgulhando-se de superávit primário na economia e déficit social, lucros fantásticos aos banqueiros e subserviência ao capital financeiro nacional e internacional. Em suma, poderíamos afirmar que existem duas grandes perversidades em questão: a

ausência de uma gestão ousada, forjando um projeto diferenciado do ponto de vista do combate ao desemprego, à pobreza e à exclusão, bem como uma pequena parcela de contraventores na base de sustentação de um governo. Esses são fatores importantes para analisar o quadro nacional e perceber como se situa uma das faces das muitas crises que assolam a nação.

IHU On-Line – Como o senhor avalia o pedido de desculpas do Presidente Lula e a forma como ele está se posicionando frente à crise?

Aloísio Ruscheinsky – Considero que esse pedido de desculpas aparece como um tropeço no percurso. É claro que condenar um aliado sempre é algo penoso, se bem que, no próprio governo, há dificuldades para dimensionar essa questão. Até porque apenas uma fatia do quadro partidário está no governo e envolvida com essas questões à margem da lei, e o Presidente tenta manter uma certa distância para se preservar. Imaginar que todo o PT tenha rompido com princípios éticos seria um equívoco de análise. Não só a direção nacional está envolvida, mas, ainda assim, é um setor que está contaminado, pervertido, pela lógica de tomar o poder a qualquer custo. Parece que o Lula ainda está aguardando o desfecho de todas as denúncias que virão à tona. De outro lado, há denúncias diante das quais o cidadão comum não sabe exatamente se tem algum fundamento ou se somente integram parte do espetáculo. Essa é uma questão difícil de avaliar em toda a sua extensão, todavia é evidente que há casos de rompimento com a questão legal, por meio de financiamentos ilícitos. Creio que a oposição, além de condenar a corrupção, pretende, efetivamente, derrubar o

palanque de um presidente e de suas possibilidades para as próximas eleições. Isso integra o pano de fundo das suas iniciativas e a amplitude do espetáculo armado. Tanto que a maioria dos possíveis candidatos à presidência não está nos holofotes das denúncias.

IHU On-Line - A situação do Presidente poderia se tornar politicamente insustentável? Que elementos levariam a essa situação? De onde poderia vir um impeachment?

Aloísio Ruscheinsky – A situação poderá se tornar insustentável, na medida em que a oposição se convencer de que o afastamento do cargo é uma melhor alternativa do que ter um presidente ainda que enfraquecido. Neste momento, os setores de oposição dos partidos políticos e da sociedade, ainda imaginam que é melhor um presidente enfraquecido do que um presidente afastado, pelos tumultos que isso poderá provocar na sociedade e na economia. Não vejo uma oposição firmemente convencida de que, mesmo tendo suposições e dados dos correligionários do Presidente, o *impeachment* seja uma melhor alternativa para seus interesses políticos, até porque pretende também preservar o seu espaço político e garantir certa credibilidade diante do eleitorado. Fato interessante se manifesta no Congresso onde os setores mais a esquerda e da direita parecem afinar discursos. A insustentabilidade do governo pode vir mais das ruas do que do Congresso Nacional e é preciso saber se setores sociais de perfil ideológico mais conservador se dispõem a ir para uma manifestação de rua. Por enquanto, das ruas ainda não se tem visto uma lógica predominante de consenso. Pelo contrário, as contradições e as

divergências têm se manifestado claramente. Por outro lado, muito se tem dito em análises pelos meios de comunicação sobre a estabilidade e a maturidade da nossa democracia. Todavia, em países como a Argentina e o Equador foram derrubados dois presidentes sem alterar regras do jogo e, em outros países, também um, como no Brasil, porém pouco se alterou o descontentamento como os parâmetros da estabilidade liberal vigente, especialmente porque não se verificaram mudanças na qualidade de vida. É necessário enfatizar a urgência de dar um basta à impunidade, tanto quanto reconhecer que isso é apenas uma parte do caminho ou ainda é insuficiente para uma democracia social, com mudanças na cultura política.

IHU On-Line - Muito se fala em limpeza interna: do governo e do PT. Por onde começaria e até onde ela poderia ou deveria chegar?

Aloísio Ruscheinsky – Em toda a sociedade democrática, a presença da corrupção se dá justamente pelas múltiplas injunções e conexão entre sociedade e Estado. Se há corrupção na iniciativa privada, ela também vai se transferindo, pelas diversas vias, como em uma rede, para as esferas do Estado, ou vice-versa. A corrupção no interior do Estado não é isolada, jamais se sustenta somente nas suas entranhas. Existem tantas formas de corrupção vigentes na sociedade, na iniciativa privada, como é a sonegação de impostos, o contrabando, as diversas formas de contravenção que também corroem a legitimidade, a democracia e a cidadania no Brasil. A questão consiste não somente em constatar que existe corrupção, mas também em tentar compreender por que existe e subsiste, para além das questões

de procedimentos e regras. Quando falamos de limpeza interna, temos a impressão de que existe um produto que asseie um ambiente infectado ou um paradigma ético predeterminado para a ação de limpeza. Esse é um maniqueísmo difícil de ser implementado, por mais que seja importante realizar a defesa de regras do jogo. De qualquer forma, existem setores no governo que têm contato com a ilegalidade, que desonram a maioria dos seus eleitores. A dita limpeza interna é um processo complexo, mas efetivamente necessário e urgente. Para começar, ela deveria atingir aqueles que foram indicados como tendo utilizado de forma irregular recursos para suprir débitos com campanhas eleitorais. Pelo que eu saiba, em todas as democracias atuais, vige o problema do financiamento eleitoral ou, mais ou menos presente, a pressão da iniciativa privada para garantir fatias nas decisões governamentais. Outro mecanismo interessante seria a possibilidade de modificar os procedimentos e a cultura política também de tantos outros setores do interior do Estado, mesmo os não-eleitos como funcionários de carreira entre outros. Mas é difícil traçar a lógica desta via ou como se faria essa tarefa gigantesca, porque não seria só no Executivo, mas também no Judiciário e no Legislativo onde tantas vezes a lógica privada ou a omissão se sobrepõe à dimensão pública. Se bem que estou sendo perguntado sobre o ponto inicial e a abrangência de uma limpeza e, por isso, mencionei o conjunto da esfera pública e meus desapontamentos quanto às análises que consideram suficiente a obediência às regras procedimentais e a estabilidade sem justiça social.

IHU On-Line – O senador e ex-ministro Cristovam Buarque disse na

sessão solene em homenagem à memória do ex-governador Miguel Arraes que a esquerda deve ser refundada, que nenhum partido político tem o monopólio das bandeiras da justiça social e que "esse sonho não vai sair de nenhum dos partidos de esquerda" que hoje existem. Que caminhos podem ser vislumbrados para essa refundação?

Aloísio Ruscheinsky – Ao longo da história do século XX, a esquerda tem cometido diversos equívocos, quanto à relevância da democracia interna dos grupos organizados, à confluência de atores para implementar uma agenda cultural e política alternativa, às formas de consolidar hegemonia e legitimidade no regime democrático. No início do governo Lula, eu temia que o seu desempenho pudesse vir a ser similar a governos na América Latina nas duas últimas décadas, que também se afirmavam de esquerda, com amplo respaldo popular, mas que tiveram um triste fim quanto aos seus propósitos contidos em suas plataformas eleitorais. Isso porque não conseguiram traduzir, na prática política, uma agenda alternativa em relação àquilo que os governos liberais ou conservadores já haviam demonstrado. Temos que nos perguntar quais seriam os parâmetros para uma suposta refundação da esquerda. Seria mais democrática, social, cultural, ecológica, anti-sistêmica? Existem muitas possibilidades e alternativas cuja viabilidade a prática haverá de provar. Toda a esquerda, na medida em que não se renova, se fossiliza. Os pontos para sua refundação poderiam ainda se ater à questão ambiental ou ao desafio de equilibrar acesso ao consumo sem degradação ambiental, à ampliação da

cidadania, à mudança na cultura política, à política de distribuição de renda e à questão de como, efetivamente aliar os trabalhadores do mercado formal e informal. O senador tem razão ao afirmar que hoje nenhum partido político tem o monopólio das bandeiras da justiça social, da ética na política, das alternativas viáveis às desigualdades sociais vigentes. De siglas que se consideram à esquerda do PT, dificilmente, poderá sair algo de novo no horizonte político devido a velhos vícios que estes carregam, entre os quais citaria a ortodoxia, o autoritarismo e o sectarismo. Portanto, está aberto o dilema de onde poderia brotar um novo sonho que acalenta o empenho dos cidadãos, se este não vai sair de nenhum dos partidos de esquerda que hoje existem.

***IHU On-Line* – Quais devem ser as prioridades de uma organização social que queira hoje responder às principais necessidades do País?**

Aloísio Ruscheinsky – Nessa plataforma de prioridades, precisamos ainda de uma revolução no que diz respeito à qualidade da educação do ensino fundamental e alargamento do acesso ao universitário. Embora nossa economia tenha ainda um bom desempenho quanto aos índices de desigualdade social, do ponto de vista da preparação da mão-de-obra, especialmente de quem está na informalidade, temos um déficit social

muito expressivo. Outro ponto seria incorporar a dimensão ambiental nessa perspectiva, porque não é possível produzir progresso a qualquer custo ou a inserção no mercado com a degradação progressiva e irreversível dos recursos naturais, porque o preço que hoje já estamos pagando pela degradação ambiental é muito elevado, sinceramente é uma irracionalidade cultural e será tanto mais elevado quanto mais insistirmos na satisfação com o superávit primário. E este é outro grande equívoco do governo atual. Então, diria que as prioridades ainda seriam a educação, a prática política mais adequada para o meio ambiente e o combate à pobreza com geração de trabalho.

***IHU On-Line* – Como o senhor avalia os posicionamentos dos diversos movimentos sociais diante da atual crise?**

Aloísio Ruscheinsky – Nos movimentos sociais, a pluralidade política se manifesta claramente na atual conjuntura. Parte do MST, do sindicalismo, como a CUT, está apostando que a alternativa vigente no governo federal ainda é a melhor alternativa entre as outras possíveis. Por isso, ocorrem as manifestações de rua e um parcial apoio do MST ao governo federal. Por outra, ainda permanece de pé a mágica de um operário na Presidência da República.